

**La Llorona.
O mito como instrumento de controle social.**

Rosa Maria Spinoso de Montandon*.

Esta comunicação se propõe discutir o mito como instrumento de controle social, na figura levitante e sensual de La Llorona, a mulher vestida de branco, descabelada e chorosa que no México aparece clamando pelos filhos nas encruzilhadas dos caminhos, ou nos lugares próximos à água.

Aiii!! meus filhos que será de vocês?

é seu tradicional grito desde os tempos pré-colombianos, quando a deusa Cihuacoatl deu por aparecer nas noites de Tenochtitlan para anunciar aos mexicas o fim de seu mundo. Mesmo grito com o que passou a assombrar os viandantes nas noites e caminhos coloniais, transformada na mulher apaixonada e culpada que, por amor, despeito ou desespero matou os filhos ao ser abandonada pelo amante. Na atualidade, seu grito ainda ecoa de um canto ao outro do país, e sua figura sobrevive no imaginário dos mexicanos, contada e cantada em prosa e verso, aparecendo nas desgraças pessoais e coletivas, ou nas catástrofes naturais, ecológicas ou socioeconômicas.

Que inclemente destino a arrasta pelos ruas silenciosas e pelas veredas ocultas?

... por donde quiera su blanco espectro
hace temblar los corazones,
por donde quiera se escucha
su espantoso lamento.

¿Qué horrible pecado habrá cometido esa
alma en pena? (...)

Su llanto ha corrido por los campos,
ha invadido las montañas,
se tiende sobre los valles.
Su sombra suele desaparecer entre las aguas,
y los tenues velos de su vestidura
parecen flotar entre las nubes ...¹.

*Mestre em História Social pela UFU. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, sob a orientação da Pr^{fa}. Dr^a. Rachel Soihet. Prof^{ra}. Titular de História da América no UNIARAXÁ (Centro Universitário do Planalto de Araxá) Araxá, MG.

¹ Toscano, Carmen. La Llorona. (dramaturgia) México: Fondo de Cultura Económica, 1959. pp. 9-11.

Analisando de forma mais detida este assíduo fantasma que há séculos assombra os mexicanos, pode-se analisar La Llorona a partir de três diferentes aspectos: Por um lado, como o mito da grande mãe; a figura arquetípica ou representação simbólica da mulher dual, ao mesmo tempo geradora e destruidora, a mãe-sedutora, que tanto pode remeter à Eva e à virgem Maria da pregação cristã; como a Guadalupe ou à Malinche, (a amante de Cortés e traidora mor da pátria) nos discursos nacionalistas mexicanos.

Nestes casos, o mito tem sido objeto de insistentes estudos antropológicos e etnográficos, que o analisam através das representações selênicas ligadas à fertilidade, como a soma dos diversos aspectos da sexualidade feminina. Reconstituem sua trajetória desde as antigas deusas mesoamericanas, destacando a Coatlicoe, Tlazolteotl ou Xochiquetzal, em seu cruzamento com as deidades femininas do velho mundo, provenientes da antiguidade assírio-caldeia, judaica e greco-latina, representadas por Lilith, Medeia, Perséfone, ou Hécate, pra citar somente algumas.

Na perspectiva psicanalítica, a manifestação de fantasmas femininos sedutores e macabros faria parte do aparato inconsciente e negativo de equilíbrio, originado na relação mãe-filho, e organizado formalmente como uma situação edípica. Em tal sentido, La Llorona também pode ser vista como uma representação da mulher objeto, a mãe enganada, violada o seduzida por uma potência masculina dominante, origem do conhecido machismo mexicano. Seu poder de auto-aniquilamento seria o último recurso da afirmação do ego. Nas palavras de Octavio Paz, seria uma das representações mexicanas da maternidade, como a mãe sofrida que se festeja todo dez de maio, ou a que tem sofrido metafórica ou realmente a ação corrosiva e infamante da violação².

Outra categoria é formada pelas lendas; relatos fantásticos que tentam expor de forma compreensível e organizar de forma coerente a multidão de feições locais e regionais que adota o mito. No México, as lendas foram entronizadas pela literatura do século XIX, quando constituíram um verdadeiro gênero literário. Referem-se a fatos, objetos ou pessoas que teriam dado origem aos mitos, de tal forma que, no caso de La Llorona, lendas foram

² Paz, Octavio. *El Laberinto de la Soledad*. 3ª ed. México: FCE, 1999. p. 83.

surgindo nas cidades, vilas, e aldeias, escritas ou contadas oralmente em prosa e verso, com base em fatos reais ou fontes supostamente históricas.

Algumas invocavam Bernardino de Sahagún, como uma fonte mais do que autorizada, e repetiam a história de Cihuacotl e seus avisos; outras falavam em casos de infanticídios ou abortos, praticados por mulheres desesperadas ou despeitadas; viúvas ou amantes abandonadas, como trágicas versões de Medeias nacionais. Outras falavam de filhas ingratas que abandonaram os pais para seguir grandes amores, e tiveram, ainda, as que preferiram a vitimação das protagonistas e narravam histórias de jovens e castas noivas, mortas na véspera de chegar ao altar.

Para o historiador Luis González Obregón (1865-1938), por exemplo:

Consumada a conquista e pouco mais ou menos a meados do século XVI, os vizinhos da cidade do México (...) acordavam assustados ao ouvir na rua os tristes e prolongados gemidos de uma mulher a quem afligia, sem dúvida, profunda pena moral ou tremenda dor física. (...). Vestia a mulher alvíssimo traje e denso e branco véu lhe cobria o rosto. Todas as noites, sem faltar nenhuma na Plaza Mayor, percorria as ruas da cidade dormida, com lentos e calados passos ...³

Para o também historiador José Maria Roa Bárcena (1827-1908), La Llorona era às vezes,

... uma jovem apaixonada, morta na véspera do casamento, que trazia ao noivo sua grinalda de rosas brancas (...); outras vezes era a viúva que vinha a chorar pelos seus tenros órfãos; a esposa morta na ausência do marido (...); ou a desgraçada mulher vilmente assassinada pelo cômulo ciumento (...)⁴.

E para os escritores e poetas Vicente Riva Palácio (1832-1896) e Juan de Dios Peza (1852-1910) seria o fantasma de Luisa, a jovem pobre e amante de Don Nuño, rico fidalgo espanhol, que matou os filhos ao ser abandonada por ele, segundo o contaram nas rimas de um longo poema.

Estas lendas, cuja temática fora apropriada da tradição oral pela literatura, foram, a sua vez, retomadas e reapropriadas pela oralidade, circulando reproduzidas de boca em boca, num flagrante exemplo de circularidade cultural.

³ Obregón Luis González. Las Calles de México. 3ª ed. México DF: Porrúa, 1984. Pp. 27-29.

⁴Citado por: Rodríguez Gustavo. Doña Marina. México DF: Secretaria de Relaciones Exteriores, 1935. p. 48

Uma terceira categoria é formada pelas histórias, não de possíveis fatos ou personagens explicativos de La Llorona, mas de suas manifestações; das vivências pessoais de quem as conta, apresentadas como fenômenos sobrenaturais, experimentados ou presenciados geralmente por terceiros. Ainda que relacionadas ao fantasma de uma defunta, mais do que histórias de morte, são histórias de vida, que dizem respeito à memória, individual ou coletiva, na perspectiva analisada por Halbwachs⁵.

Para ele, é na história vivida e não na história aprendida onde se apoia a memória, dali que essas pessoas, com as histórias sobre as manifestações de La Llorona, estejam falando de suas experiências pessoais; de suas histórias familiares, de sua memória, valendo-se para isso de uma figura criada ou adotada pela coletividade, e condenada a sofrer por toda a eternidade. Para Halbwachs, embora o ato de lembrar seja individual, o que dá sentido às lembranças são os quadros sociais dentro dos quais se desenvolve o sujeito que lembra. É com referência a esses quadros que as lembranças se tornam memória; seu sentido é decorrente das experiências adquiridas e vividas dentro deles, dali que existam tantas memórias quanto sujeitos que lembram. E dali que existam também tantas Lloronas quanto mexicanos mal assombrados existem.

Em sua história de vida, o escritor mexicano Guillermo Prieto, nascido em 1818, também cruzou com La Llorona, segundo registrou nas memórias de sua infância, no capítulo em que relata as “tertúlias” que animavam as tardes de sua mãe com as amigas:

flutuam em minha mente (...) a carruagem que corria da Viña até as ruas do Estanco Viejo; la Llorona que atravessava gemendo da rua da Buena Muerte até o Canal da Viga, e os espantalhos do Callejón del Muerto, (...). Os gnomos e as bruxas tinham um papel importantíssimo nas tertúlias que descrevo ...⁶.

E na década de 1830, Antonio Garcia Cubas a encontrava em suas noites infantis, quando assombrava seu sono e não o deixava dormir, após ouvir as histórias que se contavam nas veladas familiares.

⁵ Halbwachs Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

⁶ Prieto Guillermo. Memorias de mis Tiempos. México: Editorial Patria, 1969. pp. 225-226.

*Em quanto os mais velhos jogam (...) e as jovens desfrutam dos prazeres que lhes proporcionam a música e o canto ou os jogos de salão, às crianças se lhes entretêm (...) com historietas e anedotas que alguma anciã de feliz memória lhes relata(...). A maioria das vezes, a boa senhora adota como temas de sua narrativa histórias aterrorizantes, como as de Don Juan Manuel, La Llorona, La Mulata de Córdoba, (...) ou crenças que, **por via de exemplo**, se mantêm vivas⁷.*

E como histórias relacionadas a circunstâncias e experiências vividas pessoal ou coletivamente pelos que as contam, elas aparecem sempre, em todos lugares tempos e circunstâncias – leia-se desgraças.

Ilustram este caso algumas histórias que pôde de recolher entre vários mexicanos, inclusive, no Rio de Janeiro. Um diplomata me falou sobre as aparições de La Llorona, contadas por seus tios, irmãos de sua mãe, quando era menino, na casa onde moravam em Acapulco, em tempos em que a cidade ainda era um “pueblo” tranquilo. A casa era conhecida por ser mal assombrada e La Llorona – diziam - saía do poço, no centro do pátio interno, onde muitos anos depois encontraram escondida uma caixa com jóias e objetos de valor. Se deslizava até a rua e se afastava emitindo seu longo e conhecido grito, antes de desaparecer no mar. Um dia, a casa foi vendida e transformada em clube noturno e não se ouviu mais falar em La Llorona. Entretanto, ainda lembra o cônsul da convivência tranquila que sua tia-avó, a última moradora da casa, mantinha com o fantasma, e do pavor que tinha dos terremotos, frequentes naquela região. Mas, quem convivia há tanto tempo com terremotos, podia conviver perfeitamente com La Llorona. E lembrou também dos comentários que se ouviam na família, sobre as jóias exibidas por algumas parentas, que – diziam - provinham do tesouro encontrado no fundo do poço. Aquele que La Llorona parecia proteger tão celosamente.

Respondendo a minha pergunta sobre se acreditava nela, me disse não ter certeza, mas achava que sim, alguma coisa. O que traduzi com o conhecido ditado: *Yo no creo em las brujas, pero que las hay las hay...*⁸.

⁷ García Cubas, Antonio. *Espantar el sueño a los niños*. Em: El libro de mis Recuerdos. México, DF: Imprenta de Arturo García Cubas, Hermanos Sucesores, 1904. pp. 181-197.

⁸ Entrevista com o Sr. Enrique Silva, cônsul adjunto do Consulado General de México no Rio de Janeiro. 24 de maio de 2005.

Certamente que, neste caso, y como parte da memória familiar, o medo aos terremotos e a convivência com os fantasmas ainda soam como ecos nostálgicos da apacível vida na casa paterna, onde até os fantasmas eram domésticos, mas as referências às jóias também soam como uma sutil censura para a posse de objetos de valor, obtidos, provavelmente, de forma não muito bem explicada por alguns membros da família. Embora sempre implique alguma forma de censura, neste caso, La Llorona parece ter um sentido diferente do que tem, por exemplo, para o arquiteto que me contou a seguinte história sobre suas aparições, que ouviu de seu pai e seu avô. Na história anterior, La Llorona parece equacionar possíveis problemas familiares, na próxima, assuntos pessoais relacionados com os limites e o autocontrole.

Vizinhos de uma pequena cidade, conhecida e frequentada pelas águas termais que brotam de um rio, no estado de Veracruz, contavam que alí aparecia como uma sensual lavadeira, de costas, de corpo escultural e longa cabeleira. Mas quando os homens que passavam mexiam com ela, mostrava-lhes o rosto que podia ser uma caveira, ou a cara de uma mula, pelo que ficavam doentes, chegando até morrer da forte impressão. Para meu depoente, curiosamente, todos os que viveram para contar sua história eram infiéis, ou tinham uma segunda casa, assim que lhe perguntei se acreditava em La Llorona. Ele respondeu que nunca a tinha visto nem ouvido pessoalmente, mas que acreditava nela, sim. De forma que o atestado de sua fidelidade estava dado, implícito em seu testemunho de fé⁹.

Mais ou menos, nesse mesmo sentido vão as histórias ouvidas de uma empregada doméstica, natural de um pequeno “pueblo” vizinho de minha cidade, para quem La Llorona seguramente iria aparecer para uma conhecida que se tinha praticado um aborto, correndo, ainda, o risco de tornar-se ela própria uma Llorona.

Neste caso, ao temor da assombração, castigo ao que a amiga se fez merecedora pelo aborto, ainda se iria somar o medo de morrer, certamente a causa das precárias condições em que se realizavam essas práticas clandestinas, mas reelaborado como um medo a virar llorona, ou seja, à danação eterna. A essa mesma categoria pertencem as

⁹ Entrevista com o Sr. Gonzalo Fernández Alvarez. Xalapa, Veracruz. 2 de julho de 2004.

histórias contadas pela funcionária de uma biblioteca pública, moradora num bairro próximo a um lago, sobre o casal de vizinhos a quem La Llorona lhes gritou uma noite em que brigavam no quintal de sua casa; ou sobre o vizinho que acordou na rua com seus gritos, uma noite em que chegou tão tonto em casa que sua mulher não o deixou entrar.

Perguntada se realmente acreditava, ela respondeu que sim, pois enquanto houver mulheres que abortem ou violência familiar, existiria La Llorona.

Nessas histórias, o papel social de La Llorona, como instrumento de controle através da memória individual, ou como recurso audio-visual de uma pedagogia amedrontadora e normatizadora de condutas, parece mais do que evidente, no âmbito da vida privada, entretanto, sua mesma função reguladora também se estender até os movimentos sociais e as relações de trabalho, como se pode constatar em outra história, contada pela mesma funcionária.

As anteriores eram histórias ouvidas por ela, mas esta foi vivida pessoalmente. Disse ela que, estando uma noite em “pé de luta”, montando guarda nos portões da Unidade de Artes da Universidade Veracruzana, que fica próxima a um lago, num dos “paros” (greves relâmpago) organizados pelo sindicato dos funcionários dessa instituição, de repente ouviram La Llorona, embora não mais com seu tradicional grito em que clama pelos filhos, mas com bramidos como de uma vaca enfurecida, e tão aterrorizantes quanto aqueles. Tanto que o piquete se desfez com a debandada geral dos integrantes.

Mesmo considerando a possibilidade de tudo não ter passado de uma artimanha do reitor pra desmontar a greve, como foi sugerido por alguém, o fato de ter escolhido esse recurso, e não outro, fala do enorme poder de amedrontação exercido por La Llorona no imaginário popular. Assim, e embora cooptada por e para formas diferentes de controle, a idéia constante que subjace às suas manifestações é a da transgressão e da culpa.

Perguntada se achava que La Llorona lhes tinha chorado por estarem fazendo algo errado, a entrevistada disse que eles não estavam errados ao lutar por seus direitos, principalmente que o sindicato assim o tinha determinado, mas que, ao participar dos piquetes, se estavam colocando contra a autoridade do reitor, representante da

Universidade, o que já era uma irregularidade, dali que, provavelmente por isso, La Llorona lhes tivesse “chorado tão feio”¹⁰.

Coletivamente, o sindicato podia garantir e convencer seus associados da justiça de suas reivindicações ou de seus motivos para a luta, mas ainda assim, o ato individual era responsabilidade de cada um. E individualmente, a idéia, e mais do que isso, a culpa pela transgressão ainda seguia funcionando. E a isso poderia se somar, ainda, a sacralidade que o discurso do poder tem imprimido à educação e às instituições de ensino, o que pode ter tornado mais forte a sensação de transgressão que, nesse caso, seria quase uma profanação. A Universidade é um “templo do saber”, e o ensino uma missão sagrada, assim que, desse jeito, realmente, só uma alma penada para surtir efeito...

Antes de encerrar, duas palavras sobre La Llorona na internet, atual recurso tecnológico da memória, onde o grande número de “sites” em inglês, alusivos a ela, parece falar da necessidade dos “chicanos”, população de origem mexicana nos Estados Unidos, de enfrentar a ameaça do desenraizamento, atualizando tradições culturais de origem, a fim de processar a reestruturação de sua identidade. O perigo do desenraizamento, diz García Canclini¹¹, não deriva somente do chamado imperialismo cultural, mas também da reorganização radical das formas de produção e circulação dos bens simbólicos, gerada, entre outras coisas, pela fluidez das comunicações e as migrações.

Ao mesmo tempo, a necessidade de reestruturar as identidades no imaginário se da como um recurso para a articulação de projetos. As entidades e identidades imaginárias são pactos simbólicos que influem nas práticas sociais, são os fantasmas que, como La Llorona, cobram forma e vida na consciência social, de forma que o indivíduo só se reconhece em seu (re)encontro com seus fantasmas coletivos¹².

¹⁰ Depoimento de Doña Guadalupe Romero Quintana. Xalapa, Veracruz. 17 de junho de 2004.

¹¹ García Canclini Néstor. Escenas sin Territorio: Cultura de los migrantes e identidades en transición. En: Arce José Manuel Valenzuela. (org.) Decadencia y Auge de las Identidades. Tijuana, BC: El Colegio de la Frontera Norte, 2000. pp. 191-208.

¹² Bustamante Jorge A. Apêndice. Em: Decadência y Auge de las Identidades. op. cit. p. 314